

Reunião com ministros convença os políticos

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A reunião dos ministros Dílson Funaro e João Sayad com deputados do PMDB e do PFL foi um verdadeiro sucesso, e o receio de um "pacote" ruim desapareceu à medida em que os políticos descobriram que se tratava de um conjunto de medidas saudáveis e, ainda por cima, passíveis de mudanças. No final das contas, houve alegria e alívio, e não faltaram palma e cascatas de elogios à estrela número um: o ministro da Fazenda.

Embora alguns deputados tenham feito algumas sugestões para mudanças, pode-se garantir, que, no geral, endossaram o "pacote". Por isso mesmo, se o governo decidiu adiar seu envio ao Congresso certamente foi por pressões partidas dos 3.800 conglomerados que serão penalizados com um aumento da carga tributária ou por outras fontes de pressão.

Logo no início da reunião, predominou o espanto. Afinal, dois ministros da área econômica estavam fechados com deputados, na Comissão de Relações Exteriores da Câmara, discutindo novas medidas, relatando entendimentos sobre a dívida externa, e falando sobre a política econômica do governo. Novidades boas demais.

Num segundo momento, houve entusiasmo. Foi quando Funaro narrou as conversas recentes que teve em Washington, centradas em velhas teses do PMDB que andavam esquecidas. Quando ele contou que chegou a ameaçar credores, afirmando que "se nós afundarmos, vocês afundam com a gente", os deputados não se contiveram e aplaudiram muito. A esquerda independente do PMDB sentiu seu ego nacionalista acarinhado. De repente, uma mesma idéia tomou conta de vários deputados, que pediram ao ministro que fosse à televisão contar ao povo sua atuação para que a credibilidade retornasse. Ele não disse nem sim, nem não.

Depois disso, o clima caiu um pouco. Foi quando os deputados iniciaram indagações. Ralph Biasi (PMDB-SP) observou que a distribuição do leite era boa mas lembrou que normalmente há muita corrupção nesses programas. A desconfiança prosseguiu quando José Mendonça (PMDB-MG) lembrou que, sem medidas paralelas e uma sólida política agrícola, o programa não iria muito longe.

O deputado Israel Pinheiro Filho (MG), único da Frente Liberal a fazer questionamentos, disse aos minis-

tros que o "pacote" era fiscal e não econômico, salientando que desenvolvimento se fazia com economia. E Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) pediu taxaçaõ das heranças e interferência no "dinheiro frio", numa alusão às contas na Suíça, mas ouviu de Funaro que talvez o momento não fosse o mais propício. Já a deputada Cristina Tavares (PMDB-PE) ficou sem resposta quando pediu a cabeça do presidente do Serpro, José Dion de Melo Teles, alegando que o próprio ministro já recebera documentos comprobatórios de corrupção praticada pelo dirigente estatal. Ela alegou que o governo precisava de muita credibilidade para bancar um "pacote", a exemplo da Argentina.

Enquanto Funaro brilhava, Sayad permanecia na penumbra. E o líder Pimenta da Veiga chegou a cometer uma gafe quando pediu a suspensão da reunião por cinco minutos, em virtude de Funaro ter saído para atender a um telefonema. Foi salvo pelo deputado Luiz Henrique (PMDB-SC), que solicitou ao líder o prosseguimento dos trabalhos, pois queria dirigir-se a Sayad.

Depois da exposição de Funaro, quando foram iniciadas as indagações, a presença parlamentar diminuiu, caindo quase à metade. Preveleceu a maioria do PMDB, e o PFL parece não se ter interessado muito pelo encontro.

Dílson Funaro impressionou e, ontem à tarde, alguns deputados chegaram a aventar a seguinte possibilidade: se resolver o problema da dívida externa e harmonizar a economia, sem esquecer a justiça social, corre o risco de se sentar, no futuro próximo, na cadeira de José Sarney.

CRÍTICAS

"O PT não aceita 'pacotes'. Vamos votar contra", afirmou o vice-líder do PT na Câmara, José Genofino Neto, ao prever dificuldades para a aprovação do "pacote" econômico do governo pelo Congresso. "Não vamos votar não", disse, por sua vez, o líder do PDS no Senado, Murilo Badaró, observando que o governo enviará a matéria ao Congresso às vésperas do início do recesso parlamentar, impossibilitando um exame aprofundado de seu conteúdo.

Dos partidos que não foram convidados para debater o "pacote" com os ministros da Fazenda e do Planejamento — PDT, PDS e PTB —, somente o líder do PTB, Gastone Righi, disse que ainda vai examinar os projetos antes de firmar uma posição a respeito.